O Horror na Literatura Gótica e Fantástica

uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade

Rhuan Felipe Scomação da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, RFS. O Horror na Literatura Gótica e Fantástica: uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade. In MAGALHÃES, ACM., *et al.*, orgs. *O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 239-254. ISBN 978-85-7879-188-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O Horror na Literatura Gótica e Fantástica: uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade

Rhuan Felipe Scomação da Silva (PG-FAFIPAR)¹

*A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte tipo de medo é o medo do desconhecido. Esses fatos poucos **psicólogos irão** discordar, e sua verdade admitida deve estabelecer, por todo o tempo, a genuidade e dignidade do estranhamente horrível conto como uma forma literária. (LOVECRAFT, 1973 p. 12)²*

1 Graduado em Letras - Português, Inglês e Respectivas Literaturas pela UNESPAR Campus FAFIPAR, Pós graduando em Metodologia de Ensino na Educação Superior pela FACINTER e Pós graduando em Ensinos Linguísticos e Literários pela UNESPAR Campus FAFIPAR. Email: rfss_hcp@hotmail.com / rs.ss2010@uol.com.br

2 Tradução livre do autor

Lovecraft relata, no parágrafo acima, o que é literatura de horror em sua concepção, e, considerando o autor como um dos maiores nomes do gênero, há de se considerar a verossimilhança de tal afirmação. Porém, para consagrar um valor ainda mais verossímil à afirmativa de Lovecraft, analisemos o que alguns teóricos e escritores dizem acerca desse gênero da literatura fantástica. França escreve logo no início de seu artigo que: “*Literatura de Horror* é a denominação mais usual dada a textos ficcionais que, de algum modo, são relacionados ao sentimento de medo físico ou psicológico (França, 2008)”. Adicionemos, também, a visão de Beghini com relação ao gênero:

O terror é um gênero literário riquíssimo, pois mostra ao leitor o que não é convencional em narrativas, mas que está presente em cada um de nós. Todo ser humano, desde a infância, tem vários medos e os alimenta a cada dia, seja por desconhecer algo e persistir na ignorância, seja por vivenciar experiências traumáticas, seja através do medo alheio, que é divulgado e se torna de senso-comum. O medo, a principal sensação que se tem ao ler um livro de Edgar Allan Poe, de Stephen King ou de H. P. Lovecraft, por exemplo, é uma descarga enorme que causa considerável impacto físico-emocional no indivíduo. Portanto, as mensagens que o texto de terror nos transmite, sejam elas explícitas ou implícitas, serão gravadas irremediavelmente na memória, fazendo-nos muitas vezes até sonhar com tais situações macabras. (BEGHINI, 2010)

Tzvetan Todorov apresenta a visão de diversos outros escritores para uma tentativa de representação do gênero, afirmando que a relação de gênero é muito particular, e que “há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico” (TODOROV, 1981 p. 16). Dessa forma, defende que o fantástico, o sobrenatural, só existem por causa da dúvida.

Logo, a literatura de horror em si se ramifica em vários outros gêneros, e nessa grande gama serão encontrados todos os diferentes graus do horror: psicológico, social, alegórico, gótico, ficção científica, fantasia,

entre muitas outras divisões, os quais possuem como função primordial causar o sentimento tão comumente relatado por Lovecraft: o medo.

Se colocarmos a definição de horror como sendo um intenso medo e dor, no estado físico, ou medo e desânimo, no estado psicológico, o gênero não pode ficar preso apenas nos conceitos sobrenaturais, pois o horror lidará com a humanidade, com a vida e aquilo que ela propicia ao ser humano. Tendo isso em vista, trataremos o horror como Todorov apresenta, deixemos de lado apenas a classificação por gênero, e nos foquemos naquilo de maior aderência desse tipo de escrita: a tendência em causar o medo.

Uma das mais usuais dúvidas entre os leitores e estudiosos do gênero horror/terror é exatamente essa diferença, o porquê de alguns títulos serem discriminados como horror e outros como terror.

Ann Radcliffe levanta que podemos fazer uma divisão primária de cada um dos gêneros dispostos, horror, então, trataria do medo em seu estado mais psicológico; o horror secreto do ser humano, o medo de olhar em baixo da cama, ou na fresta do guarda-roupa, ou, ainda, o medo de um estranho ou de um assassino serial, por exemplo. O terror, pelo contrário, trata de levar o leitor ao mundo dos monstros, das anomalias naturais e sobrenaturais, explorando o medo visceral do ser humano, do inevitável, daquilo que foge do seu conhecimento de mundo.

Por consequência, talvez a principal afirmativa dessa dificuldade em exemplificar o que é o horror seja a grande expansão que o gênero teve nos anos 80, com uma explosão de títulos explorando muitos temas clichês do gênero, fazendo a literatura do horror criar uma defasagem cultural em sua estrutura. Principalmente devido a seu caráter inicial, o gênero horror tinha como intuito assustar, e para isso os escritores deviam sempre estar modificando seus escritos para causar no leitor o sentimento de novidade, o sentimento de algo nunca visto, e tudo o que é novo deve ser temido, proporcionando, desse modo, o sentimento que o leitor procura.

Da gênese a Poe

O horror tem sua origem muito antes desses escritos que conhecemos como gênese do gênero. Os povos da antiguidade, que possuíam um sistema politeísta de crença, tinham os deuses como seres onipotentes, não

diferentes de hoje em dia, e acreditavam que através da oferta em forma de sacrifícios, os deuses os auxiliariam na colheita e em suas tarefas diárias. Entretanto, ao mesmo tempo em que esses deuses eram uma bênção, eles também traziam o terror àquelas nações, em suas crenças, acreditavam que se determinado deus não ficasse satisfeito com os sacrifícios, ou não fosse possível completar o que era pedido pelo sacerdote, o Deus os puniria com destruição e terror. Desse modo, temos uma sociedade controlada pelo horror da destruição, e não pela benevolência de um ser supremo. Deve-se a isso o poder fantástico da psiquê do ser humano em crer no invisível, em reverenciar algo imaterial. Logo, é possível constatar que esses foram os primórdios do terror na história, o medo de algo incontrolável, que fazia todos se sentirem impotentes diante de tão grande poder.

Uma visão interessante disso é apresentada por Melo, no qual o autor mostra uma visão atraente quanto a esse tema:

Os deuses foram feitos para termos medo, pelo seu poder e pela sua influência. Uma vingança divina traz horror a um coração quente, pois o medo de ser o alvo disso condiciona a pessoa a nunca ir contra essas forças. Para ir contra elas, existem os heróis. Assim acontece com Beowulf, onde o grande herói luta contra um perigo que nenhum homem pode enfrentar; assim é com Hercules, com Teseu, com Siegrifield, com Vasco da Gama (em *Os Lusíadas*), entre outros. A figura do herói fará o papel de todas as pessoas que nele se enxergam, pois aquele herói será a sua representação para enfrentar algo que está além dele (MELO, 2007)

Logo observamos que o principal intuito de qualquer sociedade para sua sobrevivência, a criação do herói para salvá-los do mal que antes os ajudava, agora só traz destruição. Temos então uma visão histórica do que é considerado terror fantástico, ou sobrenatural, onde aquilo que se enfrenta é algo fora dos conceitos aceitáveis pela ciência.

Contudo, consideremos também como horror não apenas aquilo a que não se deve acreditar cientificamente, e se o horror for tão real quanto essa folha de papel, como o local onde moramos ou como os livros onde são escritos essas histórias, Stephen King em seu livro *Dança Macabra* (2007) falará exatamente isso, que o horror não precisa ser necessariamente aquilo fora do contexto do real, o horror é muito mais real do que muitos levam a crer, é tudo aquilo que nos faz refletir devido

a certa situação, desde se devemos ou não abrir aquela porta, até a mais intensa discussão familiar. O horror real da humanidade é usado por King, o horror de perder alguém querido, ou, para alguns, seu herói, aquilo que você presa com tanto cuidado, e que lhe é tirado de forma abrupta e assustadora, quando o real se torna tão assustador, que o maior desejo daquele que vive o fato é fugir, e não encarar algo tão perturbador com a mente sã:

Atingimos a Idade Média, ou *Idade das Trevas* como é referenciado, na qual a Igreja criou a “santa” inquisição, e durante a qual, aqueles que diziam possuir poderes sobrenaturais, eram assassinados, por vezes de maneira sádica. Temos nessa época a criação das primeiras lendas, entre elas os vampiros, lobisomens, fantasmas, etc, que embasarão toda a literatura futura. Temos nessa época a caça às bruxas, um fato que marcou a humanidade, assim como afirma Melo:

Isso muda na Idade Média. Nela, a tradição oral dos povos dominados pelos cristãos incorporou-se ao imaginário local. Passou ao estado de lenda, de sobrenatural, por fugir daquilo que as leis cristãs consideravam naturais. **Então foi nesse período que vieram as figuras do vampiro, do lobisomem, dos espíritos, da bruxa, do mago, dos seres imaginários que podiam acabar conosco.** Isso causava medo no homem cristão, uma vez que estava diante de algo que seu deus não conseguia conceber (MELO, 2007, negrito nosso).

Apesar de terem se passado vários séculos, as tradições não mudaram tanto quanto parece, o horror ocasionado pelos deuses, e os horrores causados por esses seres sobrenaturais funcionam praticamente da mesma maneira. O que isso causa naqueles que vivenciam é o sentimento de impotência diante do fato, parece que nada pode detê-lo, e nesse momento, assim como no passado eram criados heróis.

Avançando alguns séculos na história, passando da Idade Média ao século XVII, encontramos um dos primeiros escritores a adentrar nesse universo paralelo, Horace Walpole que, apesar de não escrever exatamente sobre esse tema, é de primordial importância para os escritores futuros. Em seu livro *O Castelo de Otranto* (1764), Walpole explora

muito mais a ficção científica do que o horror em si. Entretanto sua influência extrapola seus escritos, sendo que a dimensão de sua influência é gigantesca, chegando a servir como modelo para grandes mestres como Edgar Allan Poe, Bram Stoker, Daphne du Maurier em *The Loving Spirit* e um número considerável de outros escritores. Um bom exemplo na literatura muito posterior a Walpole é o romance de Shirley Jackson *A Assombração da Casa da Colina*.

Chegamos então a um escritor com extrema influência na literatura do horror, Matthew Gregory Lewis, que em sua obra *Monk* denuncia a inquisição espanhola, e com esse livro se torna extremamente conhecido recebendo o pseudônimo de Monk Lewis. As obras de Lewis tratavam o sobrenatural de maneira mais ofensiva, e sua visão era mais visceral que o de costume. Monk Lewis detalhava cenas sangrentas e sádica, além de criticar fortemente os ideais morais, religiosos e sociais da época, sua atmosfera era muito mais densa que seus antecessores, suas sombras, como é relatado no ensaio de Melo (2007), são eternas, e suas ações, violentas.

Avançamos então ao que, para a grande maioria dos estudiosos, foi o maior escritor de contos fantásticos: Edgar Allan Poe. Poe foi, e ainda é, a base concreta para grandes escritores de horror ao longo da história e suas obras servem como referência para conhecidíssimos escritores, tais como Lovecraft, Clive Barker, Anne Rice, Stephen King, e o brasileiro André Vianco.

A influência de Poe ultrapassa todos os ramos da história como sendo o mais conhecido escritor do gênero, autor de *O Poço e o Pêndulo* (*The Pit And The Pendulum* (1842)) e *O coração Delator*, além do poema *The Raven* (*O Corvo*, 1845)) Poe mostra seu estilo próprio de escrever, estilo esse que será usado como referência.

Em Poe encontra-se aquilo que é de maior aceitabilidade na literatura do horror, visto que suas obras tratam o sobrenatural de maneira subjetiva. Poe deixa o leitor imaginar as cenas de maneira própria, não lhe impondo nada, algo semelhante a Lovecraft, o qual deixa o “monstro” sem aparecer por vezes. As obras de Poe têm um teor poderoso de impessoalidade, comprovada por sua poderosa capacidade de fazer o leitor não perceber a existência de um narrador, como se o próprio leitor estivesse vivenciando o que a história narra. Além disso, suas obras exploram algo que será muito utilizado na literatura de horror: o suspense.

Três grandes nomes

A partir de agora iremos tratar especialmente de três obras que formaram muitos dos escritores que hoje atuam, e que, ainda hoje, possuem suas ideias imitadas e usadas das mais variantes formas. Vejamos esse trecho retirado do livro de Stephen King, *Dança Macabra*, para darmos uma breve introdução a respeito da influência de tais obras no gênero horror:

Os três romances que eu gostaria de discutir nesse capítulo parecem ter realmente alcançado tal imortalidade... Todos os três experimentam um certo tipo de exclusão do iluminado círculo das obras literárias inglesas reconhecidas como “clássicos”. Talvez por bons motivos. (KING, 2007, p. 51)

No princípio do capítulo da qual a citação acima foi retirada, King apresenta as obras que se tornaram verdadeiras lendas do gênero terror, *Frankenstein*, *Drácula* e *O Médico e o Monstro*, cada qual de maneira única. Ele irá refletir acerca da grande força que essas obras tiveram no intelecto geral dos escritores que vieram após tais obras, e como elas foram usadas como referência das mais diversas maneiras.

Iniciemos então de forma cronológica. Mary Shelley (*Frankenstein: or the Modern Prometheus*, 1818) utiliza a ideia da morte e ressurreição para nos trazer seu terror. Na obra, o doutor Frankenstein está obcecado com a ideia de criar vida, e seu conhecimento abrangente em medicina faz de sua ciência realidade, sendo que ele acaba por criar um monstro a partir de partes de corpos humanos, monstro esse que “nasce” a partir de uma cirurgia bem sucedida, ou não; contudo, esse monstro o assusta e acaba fugindo. O livro passará por diversas excursões e acabará na derradeira batalha entre o criador e sua criação. Mas o que nos vale nesse breve resumo dessa obra prima da literatura é seu valor para os futuros escritos; a ideia de “criar” vida, ou renascer dos mortos, será difundida de maneira consecutiva, e não apenas na literatura mas também para as telas do cinema. Mary Shelley mostrou que apesar de sua pouca idade – possuía 19 anos quando publicou *Frankenstein* –, seu talento era impressionante, e nem mesmo seu anonimato da primeira edição foi capaz de apagar isso. O que não se deve, por outro lado, é criar uma visão prematura da

leitura devido à pouca idade da escritora. Acerca disso, Stephen King faz uma comparação interessante ao ritmo que Mary Shelley coloca em sua obra:

O romance de Mary Shelley é um melodrama de ritmo bem lento e prolixo, seu tema desenvolvido em tacadas largas, cuidadosas e até mesmo brutas. Ele se desenvolve da maneira como um estudante brilhante, mas ingênuo, defenderia seu argumento. (KING, 2007 p. 55)

Logo, é possível dizer que a obra de Shelley é uma das precursoras do tema *monstro*, muito utilizada na literatura do horror. Contudo, a criatura de Shelley possui desejos ambíguos, visto que por vezes ele é extremamente humano, chegando a ajudar pessoas e salvar uma menininha; em outras vezes ele se vê como um verdadeiro monstro odiado por todos, e escorraçado aonde fosse, até o desejo de possuir uma esposa de sua *raça* para satisfazer seus desejos mais primários. Indiferente de preceitos, temos nessa obra uma noção que terá importância de grande valia no futuro literário. As obras que irão usar como base as ideias de Shelley serão imensas, incontáveis poderia se dizer, entretanto o legado que essa jovem escritora deixou é inegável, e imitado de forma eficaz por poucos.

Passando então de monstros reais, físicos, para a psique monstruosa de um personagem estudado com afinco desde seu primeiro lançamento em 1886, temos *O Médico e o Monstro* de Louis Stevenson (*The Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*). Nesse livro, o autor nos apresenta o que a pura maldade pode fazer quando toma o controle do ser humano. Dr. Jekyll é um personagem da aristocracia local, muito respeitado por ser considerado um exemplo de bons costumes. Entretanto, devido a uma de suas experiências, descobre que pode trocar sua imagem para outra completamente diferente de si, tornando-se o execrável Mr. Hyde. Contudo, o que ele faz com esse outro *eu* é de grande repugnância social, pois Jekyll experimenta várias sensações e ações, que não teria coragem de fazer com o estereótipo adquirido no decorrer dos anos. Todavia, o que ele não sabe é que essa nova personalidade começa a controlá-lo aos poucos, até chegar ao ponto em que a criatura toma conta de seu criador.

Mais uma vez temos a visão de um monstro, porém, desta vez, muito diferente do ser abominável de Mary Shelley. O monstro de Stevenson tem aparência humana, mesmo que por vezes o narrador tente descrevê-lo e não consiga, podendo ser facilmente considerado um transtorno bipolar do Dr. Jekyll, conforme afirma Magalhães (2010).

Observamos aqui uma excursão de Stevenson ao retratar um monstro fora dos padrões visuais. A criação de Stevenson primeiramente é apenas ficcional, obra de um cientista envolvido em seus experimentos, entretanto esse monstro toma a forma de algo muito maior, algo poderoso que transforma totalmente o plano personagem Dr. Jekyll em duas personalidades totalmente diferentes.

Todavia, o que essa obra realmente vale para essa pesquisa é seu caráter amplamente imitado, tanto na literatura como no cinema, logo podemos dizer que *O Médico e o Monstro* será uma das bases para futuros escritores.

Como obra final desses três pilares do gênero horror, analisaremos aquela que vem sendo a mais utilizada e readaptada lenda no decorrer do tempo, o vampirismo. *Drácula* (1897), de Bram Stoker, aborda uma das criaturas mais difundidas como sendo o clássico do horror, e, mesmo sabendo que Stoker não foi o primeiro a escrever sobre a lenda, poucos discordam que ela não seja a mais bem escrita e, sem dúvida, a mais estudada no universo acadêmico.

Em *Drácula*, o que temos é a humanização do conceito de mal exterior (King, 2007, p. 61), já que todos os atos do conde Drácula são predestinados unicamente com vistas à maldade. Interessante também observar como ele não coloca o Conde em todo o livro, sendo que em dado momento o Conde praticamente desaparece da obra, reaparecendo apenas algumas vezes e no clímax final, fazendo assim o leitor ter a sensação do horror que não apenas é evidenciado pelas repentinas aparições do vampiro principal, como também, pelos outros personagens que antagonizam a obra – como a preferência alimentícia de Reinfield por insetos.

Temos nessa obra o estereótipo que será utilizado por muitos no futuro, infelizmente muitas vezes de maneira errônea, para criar personagens “vampirescos”. Em *Drácula* é possível sentir toda a sensualidade que Stoker coloca na obra, criando aquele verdadeiro personagem que nos vem à mente quando pensamos num ser da noite, que sobrevive de

sangue. Temos nessa obra o que se consagra como sendo a maior realização sobre esse tipo de “monstro” e que será referenciada diversas vezes no futuro literário do horror.

Entre os escritores que falarão sobre vampiros após Stoker, teremos alguns que fizeram sucesso abordando esse tema. Entre eles, Anne Rice, famosa por seu vampiro Lestat e Stephen King, em seu romance *A Hora do Vampiro* (2010). O cinema também nos apresentará com diversas adaptações “vampirescas” de qualidade, entre elas algumas muito famosas como *M, o vampiro de Dusseldorf*, de Fritz Lang, (1931) e *Nosferatu, uma sinfonia de horrores*, de Murnau (1922).

Como adendo, analisemos Howard Phillips Lovecraft, o qual é considerado um dos maiores nomes da literatura gótica. Suas obras retratam muito o passado mitológico, nas quais suas criaturas eram vistas com tanto poder que algumas chegavam a ser consideradas deuses. Muito disso se dá pela influência de Lord Dunsany, famoso escritor de contos fantásticos. Esses seres místicos criados por Lovecraft fizeram-no obter um termo próprio, os *Cthullu Mythes*, criado após a morte de Lovecraft pelo escritor August Derleth, variante de seu livro *The Call of Cthulhu* (1928). Esse foi o nome dado às lendas criadas por Lovecraft, e posteriormente imitadas por muitos.

O interessante de Lovecraft, e um dos principais atrativos de suas obras, é a visão conclusiva que ele tem com seu público. Lovecraft escreve sempre para assustar, tudo o que permeia a obra, a atmosfera, ambiente, clima, tem como finalidade primária levar o leitor aonde o escritor deseja. Acrescentamos que, na maioria de suas narrativas, o autor trabalha com a primeira pessoa. Lovecraft pode explorar toda a psique do personagem.

Todorov usa Lovecraft como exemplo de escrita que leva muito em consideração o ponto de vista do leitor. Ele afirma que, de acordo com diversos teóricos do gênero, Lovecraft invoca, frequentemente, o sentimento de medo e perplexidade, condições necessárias para que o gênero seja muito efetivo.

Para Lovecraft o critério do fantástico não se situa na obra a não ser na experiência particular do leitor, e essa experiência deve ser o medo. A atmosfera é o

mais importante, pois o critério definitivo de autenticidade [do fantástico] não é a estrutura da intriga a não ser a criação de uma impressão específica. (...) Por tal razão, devemos julgar o conto fantástico nem tanto pelas intenções do autor e os mecanismos da intriga, a não ser em função da intensidade emocional que provoca. (...) **Um conto é fantástico simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas.** (TODOROV, 1981, p.20, negrito nosso)

Contudo, Todorov apresenta a visão de outros teóricos acerca do tema, todos eles concordando com o fato dessa literatura ter Lovecraft como ponto de referência, mas, também, apresentando seus pontos de vista. Peter Penzoldt diz que, com exceção do conto de fadas, todas as histórias sobrenaturais são histórias de terror que nos obrigam a nos perguntar se o que se toma por pura imaginação não é, depois de tudo, realidade (Todorov, 1981, p. 20). Ao mesmo tempo, pode-se considerar os argumentos de Caillois (Todorov. 1981, p. 21) que teoriza que a pedra fundamental do fantástico é a impressão de estranheza irredutível. Ambos os autores mostram como a maneira de escrever de Lovecraft é referência quando se fala no gênero fantástico do terror e do horror.

O Horror moderno

Chegamos à fase em que mais foram, e ainda são, lançadas obras do gênero, começemos por uma famosíssima escritora que explorou muito bem um campo que há tempos não recebia uma boa obra, antes extraordinariamente bem explorado por Bram Stoker: a criadora de *Interview with the Vampire* (1976) Anne Rice.

Nesse meio tempo em que a história da literatura de horror passou com poucos livros que alcançassem o antigo âmbito a que essa literatura um dia pertenceu, Anne Rice aparece reinventando o romance gótico de forma a incorporar a estética moderna (Melo, 2007). Seu tema primordial são os vampiros e todos os sentimentos que eles possuem, suas paixões, motivações e lutas, entretanto num molde atual atraente tanto aos leitores assíduos dessa literatura, como aos novos leitores que ainda estão em processo de formação.

Interessante é observar como Anne Rice apresenta seu principal personagem, Lestat de Lioncourt, como um vampiro não tão maligno como Drácula. Seu personagem tem vítimas específicas; ele as estuda e as escolhe principalmente por seus modos de vida. Com relação a esse fato, Danielle de Oliveira Costa (2010), em sua tese de Mestrado em teoria da literatura, faz interessante comparação entre Lestat e o personagem fictício de Oscar Wilde, Dorian Gray, ambos relatando a situação caçador e presa em que se apresentam perante a sociedade.

Constataremos então que após as obras de Anne Rice fazerem o grande sucesso que se tornou, seus temas serão cada vez mais utilizados pelos escritores futuros. Na realidade, são muito atuais os romances que tratam o mito vampiresco de uma maneira menos nociva do que foi tratado em seu início. Os vampiros das obras de hoje agem muito mais como humanos, exatamente como Rice tentava colocá-los em suas obras, e suas atitudes refletem ações pensadas paulatinamente.

Clive Barker é outro autor que vale a citação neste estudo. Ele irá explorar o visceral, o grotesco, o mortal do homem, coisa que ainda é pouco explorada (Melo, 2007). Com isso, ele conseguiu angariar uma legião de fãs, que estavam cansados das mesmas tramas de sempre, copiadas desde sempre. Para exemplificar isso, citamos o que a revista Fangoria revela sobre a escrita de Barker:

O trabalho de Barker combina a prosa rica de Straub com uma imaginação que não conhece limites. Adicionemos ainda algumas alfinetadas com humor negro e uma sabedoria afiada, e teremos uma idéia dos horrores de Clive Barker. (TIMPONE, 1997, p. 124)

Com essa análise em mente, podemos ter uma breve noção do estilo sangrento desse escritor. Os textos de Barker normalmente são carregados com o erotismo capaz de causar ânsia aos olhos não acostumados com seus livros. Tudo isso, aliado a um senso de inteligência muito apurado, tornam as obras de Clive Barker muito bem posicionadas no âmbito mundial do horror.

King talvez seja considerado por muitos o maior escritor do gênero fantástico, citado e estudado por diversos e renomados pesquisadores. O autor é considerado praticamente uma lenda viva da literatura de horror,

não apenas por seus livros proporcionarem temor para todas as idades, mas por sua poderosa capacidade de fazer o leitor permear o caminho que ele deseja enquanto lêem um de seus livros.

Citar uma obra em especial de Stephen King se torna uma tarefa devéras difícil, não apenas pelo exacerbado acervo que ele possui, mas também porque as opiniões são das mais diversas. Alguns diriam, sem sequer hesitar, que *A Dança da Morta* é sua maior obra de arte, outros seriam relutantes quanto a isso e indicariam *A Coisa*, mas não estamos aqui para discutir se uma obra é melhor do que a outra, o autor experimentou tantos caminhos, nas mais diferentes obras a que se arriscou, que sequer podemos tachá-lo como escritor de um único gênero. King escreve terror em sua maioria, e os exemplo são praticamente inumeráveis, com o perdão da hipérbole, mas ele também se consagrou extremamente famoso por suas inserções em outros gêneros, o suspense e a fantasia, vide *A Torre Negra* por exemplo.

Alguns se perguntam nesse ponto se essa variação de gêneros fez com que o escritor perdesse sua capacidade de assustar, mas o que muitas podem responder com perfeita sincronia é que não já que King possui um estilo mutável, mas sempre surpreendente, sempre pronto para pegar o leitor de surpresa e arrancá-lo de sua zona de conforto.

É claro que essa pequena viagem pelo mundo da ficção do horror não pode abordar todos os escritores do gênero e, deste modo, muitos conhecidos dos fãs ficaram de fora desta análise, a exemplo de Nathan Drake (*Literary Hours*) Peter Straub (*Ghost Story*), Shirley Jackson (*A Assombração da casa da colina*), Ira Levin (*O bebê de Rosemary*), Ray Douglas Bradbury (*Fahrenheit 451*). É realmente impossível citarmos todos nesse espaço, contudo, o que é passível de afirmação da literatura de horror é que ela sempre existiu, em melhores ou piores graus, e vem cada vez mais atraindo fãs de todas as idades, tornando assim essa área da literatura cada vez mais atrativa para pesquisas e análises.

Bibliografia

Barker, C. **Livros de Sangue**. EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A, 1990.

França, p. D. O horror na ficção literária: Reflexão sobre o “horrível” como uma categoria estética. **XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências**, 13-17 de Julho de 2008, p. 1.

King, Stephen. **Dança Macabra**. Rio de Janeiro, Brasil: Objetiva, 2007.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **Supernatural Horror in Literature**. New York: Dover Publications, 1973.

Raškauskienė, Audronė. Gothic Fiction The Beginning. **Gothic Fiction The Beginning**. Kaunas, Lituania, 2009.

Timpone, Anthony. **Fangoria - Mestres do terror**. Nova York: Mercurio Ltda, 1997.

TODOROV, T. **Introdução a Literatura Fantástica**. Perspectiva, 1981.

Beghini, M. (30 de Março de 2010). **A Literatura de Terror e a Comunicação**. Disponível em the boy with the blues: <http://theboywith-theblues.blogspot.com/2010/03/literatura-de-terror-e-comunicacao.html>. Acesso em 22 de Outubro de 2010,

Costa, Danielle de Oliveira (s.d.). **Dr. Polidori, Stoker, Rice: as metamorfoses do mito do vampiro no Século XIX e XX**. Disponível em Letras, Ufjf: http://www.letras.ufjf.br/ciencialit/ensaios/vampiro_do_coloquio.doc. Acesso em 30 de Junho de 2010

Magalhães, Leonardo **A leitura enquanto alegoria/parábola**. disponível em leitura e escrita e traduções. <http://leoleituraescrita.blogspot.com/2010/03/sobre-o-medico-e-o-monstro-dr-jekyll-mr.html>. Acesso em 28 de Junho de 2010,

Melo, Fabio. (25 de Julho de 2007). **Textos**. Disponível em Recanto das Letras: <http://recantodasletras.uol.com.br/ensaios/578321>. Acesso em 26 de Junho de 2010.

Imagem

Disponível em <http://t0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRKcYLRpxy-7fxVJEZNtZsBLBcqT34lCh1rDzPh0SSFM3vNFCCTXJg>. Consultado em 09/10/2012

Disponível em <http://armonte.files.wordpress.com/2010/03/jekyll-and-hyde1.jpg>. Consultado em 09/10/2012.

Disponível em http://t0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTT6sw9bFxr-t9W9CtamxX3OWGenMcxoZh7USUMhYvPj6Zo7_jDV. Consultado em 09/10/2012